

(RE)CONSTRUINDO UM CÂNONE ANARQUISTA E SINDICALISTA GLOBAL

Resposta a Robert Graham e Nathan Jun sobre *Chama Negra*

Lucien van der Walt

São bem-vindas as provocativas intervenções de Robert Graham e Nathan Jun nesta edição especial “Blasting the Canon” [Destruindo o Cânone]¹, a respeito do meu livro, escrito em conjunto com Michael Schmidt, *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism* [Chama Negra: a política classista e revolucionária do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária].²

É um prazer discutir com dois grandes escritores acerca de suas considerações do cânone anarquista. Ou seja, os textos, os pensadores e as teorias que, como argumenta Jun, deveriam ser “considerados centrais para o pensamento e prática anarquistas ou especialmente significativos no desenvolvimento histórico do anarquismo”.

As críticas de Graham e Jun e o cerne de minha resposta

Chama Negra apresentou uma ampla gama de teorias sobre, por exemplo, as bases sociais dos levantes anarquistas camponeses, as lutas dos movimentos anti-coloniais e anti-imperialistas, as aproximações entre questões de gênero e sindicalismo, as lutas pela cidade etc. Certamente, o livro também estimulou debates sobre a teoria anarquista (e sindicalista), sobre sua história e seu cânone; essa era uma das anunciadas intenções do livro. (van der Walt e Schmidt, 2009, pp. 26-27)

A questão que agora se discute com Graham e Jun constitui apenas uma pequena parte de *Chama Negra*: a tese de que o anarquismo (e sua ramificação, o sindicalismo de intenção revolucionária) constitui um fenômeno moderno distinto, nascido no movimento socialista e operário internacional, especificamente durante a Primeira Internacional (1864-1877).

¹ *Anarchist Development in Cultural Studies*. (Vol. 1, “Blasting the Cannon”, organizado por Ruth Kinna e Süreyyya Evren), 2013. [<http://www.anarchist-developments.org>]. (N.R.)

² VAN DER WALT, Lucien; SCHMIDT, Michael. *Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism*, vol. 1 Counter-Power. Oakland: AK Press, 2009. Ainda não publicado em português. (N.T.)

Naquele contexto, em meio a debates com marxistas e outros, o anarquismo emergiu como uma corrente distinta, reunido-se em torno da Aliança da Democracia Socialista; entre seus membros mais importantes estão Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin e Errico Malatesta. O anarquismo constituiu-se como uma forma libertária de socialismo, opondo-se à hierarquia e à desigualdade social e econômica, e defendendo a luta de classes internacional e a revolução de baixo para cima, em favor de uma ordem socialista, autogerida e sem Estado; o sindicalismo de intenção revolucionária é uma estratégia anarquista. (van der Walt e Schmidt, 2009, pp. 71; 170)

Graham discorda, sustentando que a abordagem de *Chama Negra* é: “restrita” e “extraordinária”, por excluir algumas tendências; “circular” em termos de enfoque e contraditória, supostamente por insistir que o anarquismo é “internamente coerente” e, ao mesmo tempo, aceitar um “socialismo” incoerente, que abarca o marxismo e o anarquismo; fechada a “divergências e modificações significativas” ou a “refinamentos” e, portanto, “dogmática”.

Jun sustenta que nossa tese é circular, como num tipo de falácia do “escocês verdadeiro”³, estabelecendo padrões arbitrários e cambiantes para as inclusões no “anarquismo”. Ele discorda da (suposta) tese de que o anarquismo constitui aquilo que foi aceito pela “principal corrente” do “anarquismo histórico”, uma vez que isso poderia excluir outras visões “anarquistas”. Para ele, isso seria a mesma coisa que pedir a um católico europeu medieval que fizesse uma pesquisa geral sobre o cristianismo.

Ambos defendem as definições vagas (eles dizem “amplas”): para Graham, isso significa a “possibilidade de doutrinas anarquistas surgirem independentemente em diferentes épocas e circunstâncias”, tendo o anarquismo “diferentes escolas, correntes e tendências”. Jun é ainda mais incisivo: o “anarquismo” não é uma “doutrina”, mas uma “orientação”, presente “ao longo de toda história humana”, e que não admite “excomunhões em massa”.

Para mim, essas interpretações distorcem a metodologia, as propostas e o escopo de *Chama Negra*. Schmidt e eu utilizamos um argumento de base histórica, que *localiza* o surgimento do anarquismo (e do sindicalismo de intenção revolucionária), *resume* suas reivindicações mais importantes, *traça* sua evolução e sua propagação, *analisa*

³ Em inglês “No True Scotsman fallacy”; trata-se de um problema de lógica. Ao encontrar um exemplo contrário a uma tese universal, em vez de negar o exemplo ou questionar a universalidade da tese, essa falácia implica na modificação do objeto de afirmação para a exclusão do caso específico ou de outros como ele pela simples retórica, sem referência a qualquer regra objetiva específica. Por exemplo. A pessoa 1 fala: Nenhum escocês coloca açúcar em seu mingau. A pessoa 2 enfatiza: Sou escocês e coloco açúcar no meu mingau. E a pessoa 1 conclui: Então você não é um escocês verdadeiro. (N.R.)

seus debates e momentos chave. Trata-se, na realidade, de uma abordagem bastante comum nas ciências sociais e não de um exercício arbitrário para o estabelecimento de fronteiras. Essa abordagem não é “restrita”, pois se fundamenta em uma história e em uma análise verdadeiramente globais, tomando em conta o mundo colonial e pós-colonial e uma ampla gama de movimentos de massa.

Além disso, demonstro que as abordagens alternativas de Graham e Jun estão longe de serem satisfatórias. Ambas as reivindicações dos múltiplos “anarquismos” constituem simples afirmações, baseadas em posicionamentos estabelecidos *a priori*, que padecem da falta de bases empíricas e de uma metodologia clara; são definições construídas de maneira a tornar qualquer falsificação impossível, e não fornecem bases racionais ou evidências de sua suposta superioridade.

Em suma, ambos os autores fracassam manifestamente, visto que não possuem suas próprias abordagens o mesmo rigor que exigem de *Chama Negra*. Considero que uma abordagem histórica, que se contraponha às abordagens especulativas, é mais justificável e frutífera.

Resposta: uma metodologia histórica e sociológica

Graham e Jun negam que o anarquismo tenha surgido nos anos 1860. Entretanto, esse surgimento trata-se de um fato registrado: o movimento anarquista apareceu nessa década como algo *novo* aos seus contemporâneos, rivais e adeptos; foi nessa aparição que o anarquismo, *pela primeira vez*, constituiu um objeto de pesquisa acadêmica, de investigação policial e atraiu a atenção da imprensa. (Fleming, 1979, pp. 17-19) Mesmo os autores que trabalham com definições excessivamente vagas de “anarquismo” concordam que o “anarquismo” não existia antes disso como uma “força política” (cf., por exemplo, Joll, 1964, pp. 58, 82, 84; Woodcock, 1975, pp. 136, 155, 170). Na realidade, Jun também concorda com isso, quando trata do “anarquismo histórico” (existe alguma outra forma?).

A própria questão de haver ou não “diferentes escolas, correntes e tendências” do anarquismo (Graham), e mesmo linhagens anteriores, ou ainda uma “orientação” anarquista “ao longo de toda história humana” (Jun), não poderia sequer ser *colocada* antes desse momento. É, portanto, anacrônico considerar esse movimento “anarquista” novo, específico e consciente (assim como sua ramificação sindicalista) como apenas uma, entre várias “escolas” anarquistas que teriam existido “ao longo da história”.

Esse movimento foi, e ainda é, uma das várias “correntes” mais ou menos *libertárias*, que incluem variantes socialistas como a *autonomia*. (van der Walt e Schmidt, 2009, p. 71) No entanto, fundir essas abordagens tão diferentes com o anarquismo é desnecessário. Fazer isso também significa extirpar o movimento “anarquista” de suas especificidades e forçar o pertencimento de outros a uma única categoria “anarquista”. Além disso, o esforço para incluir Max Stirner, John Zerzan, etc. no “anarquismo” carece de uma justificativa real (para além de algum tipo de convenção dogmática) e, também, trata-se de algo analiticamente custoso.

Distintamente, *Chama Negra* compromete-se conscientemente a definir o “anarquismo” (e, assim, contemplar sua ideologia, sua história e seu cânone) tomando em conta uma perspectiva ampla, global e representativa da história desse fenômeno internacional novo, histórico e social, e examinando muitos casos.

Constituído na Era das Revoluções, localizado no “mundo capitalista”, e como parte da classe trabalhadora e do socialismo “por ele criados” (van der Walt e Schmidt, 2009, p. 96), o anarquismo constituiu-se “simultânea e transnacionalmente”, por uma rede radical que abarca o norte da África, a América Latina e a Europa. (van der Walt e Hirsch, 2010, p. liv) Expandiu-se então globalmente, com suas primeiras conformações massivas sendo estabelecidas em Cuba, no México, na Espanha e nos Estados Unidos.

Tomando esse movimento como foco e adotando uma visão global, *Chama Negra* resume os aspectos centrais e compartilhados de sua ideologia, suas freqüentemente mal compreendidas relações com sindicalismo de intenção revolucionária, aborda seus maiores debates, divisões, desenvolvimentos, e suas características sociais fundamentais, como, por exemplo, o caráter classista de sua base urbana de massas.

Essa abordagem histórica e sociológica conforma as bases para a conclusão que Graham tão ferozmente rejeita: “existe apenas uma tradição anarquista, cujas raízes encontram-se no trabalho de Bakunin e da Aliança”. (van der Walt e Schmidt, 2009, p. 71)

Considerar que essa metodologia é “completamente circular” (Graham), que ela implica uma falácia do “escocês verdadeiro” ou “excomunhões” (Jun), constitui uma caricatura e demonstra o fracasso de se levar a sério o cerne da análise que Schmidt e eu realizamos.

Ao contrário do que diz Graham, *Chama Negra* não sustenta que o anarquismo reduz-se aos “auto-intitulados anarquistas”; sustenta somente a existência de uma

linhagem ideológica e organizacional. Assim, considera que o Industrial Workers of the World (IWW) constitui parte da ampla tradição anarquista e que Stirner não. O livro não exige que a tradição anarquista seja “internamente coerente” (Graham), mas simplesmente sustenta que ela *foi*; trata-se de uma descrição.

Não há qualquer contradição entre uma definição precisa e uma abordagem rica, ampla e cheia de nuances; a maior parte de *Chama Negra* fornece uma história detalhada da tradição anarquista e sindicalista, em termos de passado e presente.

Resposta: “restrita” ou buscando o global?

A alegação de Graham de que *Chama Negra* possui uma abordagem “restrita” não é convincente. O livro talvez seja a única pesquisa verdadeiramente global, não-eurocêntrica, da teoria e da história do anarquismo (e do sindicalismo de intenção revolucionária), que toma em conta os 150 anos de sua história, e a única pesquisa que aborda minuciosamente os debates internos dessa tradição, também por meio de uma visão global e não “restrita”.

Na realidade, é *precisamente* esse escopo que torna *Chama Negra* particularmente central a qualquer debate sério sobre o significado do “anarquismo” e de seu cânone.

Esse enfoque é radicalmente diferente daquele bastante restrito, que prioriza a região do Atlântico Norte e que constitui a abordagem dominante nas pesquisas de língua inglesa. Deve-se dar os devidos créditos a James Joll, George Woodcock e Peter Marshall por seus trabalhos pioneiros, mas não se pode negar que eles praticamente ignoraram o mundo fora da Europa Ocidental e da América do Norte.⁴ Aumentando esse profundo desequilíbrio, tais trabalhos discutem em profundidade personagens ocidentais obscuros como Stirner, cuja importância histórica é insignificante e as relações com o anarquismo duvidosas. Esse problema continua a existir hoje, com americanos marginais como Murray Rothbard, Zerzan, etc., sendo presença constante nas pesquisas, enquanto grades personagens como Liu Sifu, Ricardo Flores Magón, Juan Carlos Mechoso, Shin Chaeho, Ervin Szabó, “Bill” Thibedi, etc. são, no melhor dos casos, tangenciados. Tomando em conta o mundo todo, trivialidades ocidentais desaparecem, sob a luz de momentos realmente importantes de outras localidades. É,

⁴ Woodcock (1975) dedicou à América Latina três páginas, ignorou a África, a Ásia, a Austrália e a maior parte do Leste Europeu; Joll (1964) dedicou ao resto do mundo nove páginas; Marshall (1998) dedicou dois dos 41 capítulos (33 de 706 páginas) de seu livro à Ásia e à América Latina.

portanto, um tanto esquisito apresentar *Chama Negra* como “restrito”, justamente porque ele possui uma perspectiva global.

Ainda assim, Graham continua: *Chama Negra* prioriza problemáticamente o mundo “ainda mais restrito” do “anarquismo classista”. O que exatamente é “restrito” nesse mundo? Ele é, qualquer que seja o critério de mensuração, muito mais amplo e influente que qualquer outro que reivindique ser “anarquista”. Portanto, priorizar esse anarquismo classista é algo *necessário*, e não “restrito”.

Esse é o anarquismo dos grandes personagens, que vão desde os insurrecionalistas (os quais Jun afirma incorretamente terem sido excluídos de *Chama Negra*) como Luigi Galleani, até os anarquistas de massa e sindicalistas como Bakunin, Chu Cha-pei, Buenaventura Durruti, Emma Goldman, Nicolás Gutarra, Kim Jwa-Jim, Kropotkin, Nestor Makhno, Malatesta, Ôsugi Sakae, Rudolph Rocker e toda formação anarquista/sindicalista historicamente relevante, da Federación Obrera Regional Argentina (FORA) e da *Voz de La Mujer* argentinas, à Confederación Nacional del Trabajo (CNT) e às Mujeres Libres espanholas, ao IWW global, ao International Socialist League (ISL) / Industrial Workers of Africa (IWA) sul-africano, à Hunan Workers’ Association chinesa, à FAU/OPR-33 uruguaia, à Uiyôltan coreana etc.

Que “escola” significativa está de fora desse escopo? Essas foram as forças que promoveram revoluções na Espanha, na Ucrânia e na Manchúria, e que demonstraram que o anarquismo constituiu um meio para se mudar o mundo.

Resposta: “dogma” ou tradição viva e central hoje?

O foco de *Chama Negra* transforma, de alguma maneira, o “anarquismo de uma tradição viva em uma relíquia histórica ou em um dogma” (Graham)? Não, uma vez que o “anarquismo classista” (termo dele) tem um histórico rico, poderoso e constitui *também* uma “viva tradição”.

Essa é a tradição representada hoje por iniciativas centrais como a Confederación General del Trabajo (CGT) e a CNT espanholas, a Federación de Estudiantes Libertarios (FEL) chilena, a Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ) brasileira e a Federación Anarquista Uruguay (FAU) uruguaia, a International Workers Association (IWA) / Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), o Libertarian Socialist Movements (LSM) egípcio e outros africanos, o Anarkismo.net, os rebeldes gregos e os inúmeros grupos e projetos locais ao redor do mundo. Noções popularizadas por certos textos acadêmicos, de que o anarquismo trabalhador-camponês

foi superado ou derrotado, e substituído por um novo anarquismo pós-1945 (Woodcock, 1975), são enganosas, mesmo se considerado apenas o Ocidente de hoje.

Graham preocupa-se que uma definição precisa signifique “rejeições e modificações significativas” e que implique exclusões da “condição de anarquista”. Entretanto, *toda* definição implica exclusão. Por exemplo: as “modificações” do “anarquista” russo Bill Shatov incluíram, como chefe de polícia bolchevique de Petrogrado em 1918, o extermínio de anarquistas. (Bryant, 1923) Deveria ele perpetuamente manter sua “condição de anarquista”?

Graham nota que algumas figuras na tradição anarquista, como Gustav Landauer, desenvolveram novas idéias, assim como Liev Tolstói. A tese de *Chama Negra*, entretanto, é que são os aspectos *compartilhados* por uma tradição que constituem os traços que a definem, os parâmetros para seu “refinamento”. Além disso, Landauer, diferentemente de Tolstói, era anarquista, e morreu na defesa dos conselhos revolucionários de Munique.

Resposta: um, dois, três, muitos “anarquismos”?

Provavelmente existem elementos libertários em todas as culturas, religiões e períodos históricos (e na maior parte das ideologias políticas modernas). Mas esses elementos são *anarquistas*? Graham e Jun insistem que sim, e defendem que essa abordagem foi sustentada por “membros notáveis” do “anarquismo histórico”, como Kropotkin e Rocker. Essa última afirmação é de fato verdadeira, mas não soluciona o problema.

Isso não constitui exatamente o erro metodológico que Jun afirma estar presente em *Chama Negra*: pedir a um católico medieval que faça uma pesquisa sobre o cristianismo? Além disso, se o anarquismo surge “independentemente em diferentes épocas e circunstâncias”, ou “ao longo de toda história humana”, por que Kropotkin deve ser considerado um de seus maiores expoentes? Se Kropotkin assim for considerado, por que a política de seu movimento não deve definir os parâmetros do anarquismo?

No entanto, Graham e Jun *devem* obrigatoriamente reivindicar Kropotkin e Rocker, uma vez que seria obviamente anacrônico (e inútil) consultar trabalhos daqueles que não pertencem à tradição de Kropotkin (Lao Tsé, Gerrard Winstanley, William Godwin e Stirner) em busca de juízos sobre a história geral do “anarquismo”.

Graham e Jun também lançam mão, nesse aspecto, de uma leitura de certo modo seletiva, ignorando os escritos de Kropotkin e de Rocker que fazem afirmações *idênticas* às que estão presentes em *Chama Negra*: o anarquismo como um novo e revolucionário tipo de socialismo (Kropotkin, 1927, pp. 46; 289-290; Rocker, 1989, pp. 23-24, 24-35) Na realidade, foi Kropotkin – e não *Chama Negra*, como sugere Jun – que chamou o stinerianismo de “individualismo burguês misantrópico”, enfatizando que ele se opunha à “sociabilidade comunista” do anarquismo. (van der Walt e Schmidt, 2009, pp. 47-48)

Graham e Jun também não observam que Kropotkin e Rocker estavam bastante envolvidos, em meio ao controverso e combativo movimento anarquista, na construção de uma propaganda mitológica que o legitimasse. Seu argumento concentra-se exatamente na afirmação, defendida por Jun, de que o “anarquismo” existiu “ao longo de toda história”. A criação desse mito só foi possível uma vez que o anarquismo emergiu nos anos 1860; ela teve início por volta de 40 anos depois disso. Trata-se de uma afirmação da antiguidade de um novo movimento, não mais verdadeiro que mitos nacionalistas similares. Ambos os mitos nacionalistas e anarquistas têm óbvias funções políticas, mas são analiticamente enganosos e com frequência demonstram ser falsos: o trabalho de Kropotkin nesse gênero foi marcado por afirmações contraditórias e leituras de certa maneira dúbias de tendências passadas.⁵

Ao passo que muitos demonstram (corretamente) uma postura cética em relação aos mitos nacionalistas, os mitos anarquistas continuam a encontrar adesões. Entretanto, em vez de questionar essas teorias, muito militantes e acadêmicos contribuem com o problema, ao agrupar vastas e diferentes correntes libertárias (e não tão libertárias assim) no “anarquismo”, às vezes selecionando um grupo (arbitrário) de escritores, como no caso dos “sete sábios” de Paul Eltzbacher (1960)⁶, às vezes criando vastos compêndios de qualquer coisa vagamente libertária, como no caso de Marshall (2008), que inicia sua obra na pré-história.

Entretanto, esse tipo de exercício implica uma leitura anacrônica e seletiva do passado e definições excessivamente vagas (e freqüentemente cambiantes) do

⁵ Por exemplo, em seu texto “Anarquismo” de 1905, Kropotkin (1927) estabelece definições um tanto contraditórias: anarquismo como uma filosofia antiga (pp. 287-288), como tendo sido “primeiramente formulado” nos anos 1790 (pp. 289-290), como um novo socialismo revolucionário do século XIX (pp. 285, 287), como um projeto visando a reforma pacífica (pp. 290-291) etc.

⁶ Termo utilizado pelo autor para descrever a tentativa de Paul Eltzbacher de sintetizar o pensamento anarquista pela produção de sete personagens que seriam os principais representantes do anarquismo: Godwin, Stirner, Pierre-Joseph Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Benjamin Tucker e Tolstoi. (N.T.)

“anarquismo”, a ponto de retirar qualquer significado do termo. Por exemplo, reunir Stirner e Bakunin na mesma categoria implica omitir grandes diferenças, efetivamente reduzindo o anarquismo à “negação do Estado”. (Eltzbacher, 1960, pp. 189, 191, 201)

Surgem então dois grandes problemas. Primeiro, as fronteiras que esse exercício requer são necessariamente incertas. Por exemplo, se os anarquistas são aqueles que simplesmente “negam o Estado”, deveriam fazer parte dele os marxista-leninistas, que buscam o “desaparecimento” do Estado (Mao, 1969, p. 411), e os neoliberais, que se opõem ao estatismo (Thatcher, 1996). Uma vez que essas tendências não aparecem na maior parte das pesquisas anarquistas – com exceção de Marshall (2008, pp. xiii, 517-518, 560) –, a exclusão torna-se arbitrária e/ou uma admissão que, *de facto*, a definição enunciada é uma falácia. Em ambos os casos, a vaga definição é injustificável e não possui critérios que fundamentem as inclusões e as exclusões.

Resposta: sobre a metodologia e as alternativas

Segundo, a natureza arbitrária dessa abordagem vaga nos estudos do “anarquismo” é evidente. Uma abordagem que busque incorporar o máximo possível ao “anarquismo” – apresentando-o não como um fenômeno histórico concreto, mas como múltiplas “doutrinas que surgiram independentemente” (Graham) ou como uma “orientação” que surge “ao longo de toda história humana” (Jun) – deve *começar* com uma *definição* de anarquismo estabelecida de antemão pelo autor. Essa definição não é testada, mas simplesmente assumida como verdadeira; está isenta da possibilidade de falsificação. Ou então, essa abordagem precisa *começar* com uma *seleção* arbitrária de casos, a partir dos quais a definição é elaborada (Eltzbacher, 1960). Nesse caso, o problema é que a seleção carece de uma justificação para além da anedota, da convenção ou da preferência pessoal. (van der Walt e Schmidt, 2009, p. 35) A base para a categorização é, portanto, irracional; suas fronteiras acabam por ser igualmente irracionais.

Quando Graham insiste que o anarquismo possui muitas “escolas”, ele não fornece uma base racional para essa afirmação. Insistindo que *Chama Negra* tem uma metodologia “completamente circular”, Graham simplesmente enuncia seu ponto de vista e então busca dados que se adéquem a ele. Quando seu ponto de vista é contestado, ele pode utilizar os dados por ele gerados como evidência da veracidade de seu argumento, apresentando assim as alternativas como “restritas”; uma tautologia.

Jun afirma, também sem bases sólidas, que o “anarquismo” existe “ao longo de toda história humana”. Uma vez que essa afirmação é tomada como verdadeira, é muito simples encontrar “orientações” anarquistas em todos os lugares. O problema dessa definição é que ela não possui qualquer base sólida. A história de Jun sobre as limitações do católico medieval revela suas suposições: o anarquismo por si mesmo evidencia que ele existe universalmente; discordar disso é uma evidência de “excomunhões” intolerantes ou de ignorância paroquial. Mas a base para a superioridade, ou mesmo para a validade, da definição de Jun não é estabelecida inicialmente.

Voltando ao católico medieval de Jun: está bem demonstrado que a Igreja Cristã surgiu pela primeira vez há dois mil anos atrás, atraindo a atenção da polícia, do público e dos estudiosos; também é um fato que o catolicismo constituiu uma de suas principais correntes. Por outro lado, não parece evidente, por si mesmo, o fato de que o “anarquismo” tenha existido “ao longo de toda história”, ou que o movimento de Bakunin, Kropotkin, Kim, Makhno, Mechoso, Thibedi e outros tenha sido somente uma corrente isolada.

Resposta: o significado de uma palavra

O que Graham e Jun entendem por “anarquismo”? Para Graham, trata-se de uma “doutrina” que busca a sociedade “sem governo” ou “estruturas formais de hierarquia, comando, controle e obediência”. (Graham, 2005, pp. xii-xiv) Para Jun, trata-se de uma vaga “orientação”, que funde “antiautoritarismo radical e igualitarismo radical”, e se opõe à “autoridade e à desigualdade [...] moralmente injustificáveis” e à desigualdade, à coerção ou à dominação “não naturais” ou “arbitrárias”.

Tratam-se de duas definições bastante diferentes e, em nenhum dos casos, sua validade é óbvia. Por que qualquer uma delas é melhor do que a de *Chama Negra* ou de qualquer outro trabalho? O anarquismo é uma “doutrina”, muitas “doutrinas” ou uma “orientação”? Opõe-se à hierarquia ou à desigualdade? Não há como realmente resolver essas questões, uma vez que se trata de uma discussão sobre afirmações elaboradas *a priori*. E elas também estão repletas de ambigüidades. São aceitos, para os anarquistas de Graham, a hierarquia *informal*, a “obediência” às normas acordadas ou o “controle” essencial? No caso de Jun, o que dizer de desigualdades “moralmente” *justificadas* ou da coerção e da dominação que não são nem “arbitrárias” e nem “injustificadas”, como as ações militares da Coluna Durruti em 1936?

Há, novamente, o problema das inclusões e exclusões arbitrárias. Graham e Jun incluem entre seus “anarquistas” personagens que claramente não se encaixam em suas próprias definições, como no caso de Stirner – que rejeitou qualquer limitação ao direito individual de se “pegar” pela “força” aquilo que se desejasse, independente da “justiça”, da “verdade” e da “igualdade”. (Stirner, 1907, pp. 200, 339, 421, 472)

Completamos aqui o círculo dos problemas das definições vagas.

Resposta: alguns comentários sobre argumentar rotulando

Graham sustenta que insistir que o anarquismo possui referências históricas definidas é “a mesma coisa que reduzir o marxismo aos personagens e textos canônicos”; ele sustenta que *Chama Negra* promove o “dogmatismo”, ao passo que Jun invoca o espectro das “excomunhões em massa”.

Esses argumentos são colocados de maneira um tanto quanto desagradável, buscando dar a *Chama Negra* um ar de heresia. Argumentar rotulando não nos leva a lugar algum. A própria antologia de Graham (2005), afinal de contas, constitui uma tentativa precisa de construir um cânone de “personagens e textos”; Jun também admite que todas as tradições políticas implicam algumas exclusões. Se isso significa “dogmatismo” ou “excomunhão”, Graham e a Jun também merecem ser disso acusados.

Conclusão: um cânone classista, global e porque

Portanto, a questão não é discutir *se* o anarquismo possui um conjunto preciso de “personagens e textos canônicos”, mas *quais* deles merecem fazer parte desse cânone. Afirmações vagas sobre a natureza do anarquismo, desenvolvidas por meio de metodologias frágeis, não podem oferecer uma base adequada, uma vez que implicam definições profundamente insuficientes.

Chama Negra sugere a necessidade de abandonar os cânones espúrios como o dos “sete sábios” e, em vez disso, desenvolver um cânone global, de base histórica, e uma reflexão precisa do anarquismo (e do sindicalismo de intenção revolucionária) como uma corrente histórica e contemporânea.

Esse cânone deve necessariamente incluir Bakunin e Kropotkin; ao passo que Stirner, Tolstói e Margareth Thatcher não possuem um lugar justificável, personagens como Goldman, He Zhen, Petronila Infantes, Landauer, Liu, Flores Magón, Makhno, Mechoso, Ôsugi, Rouco Buela, Shin, Szabó e Thidedi são sérios candidatos ao status canônico.

Referências bibliográficas

- Bryant, L. *Mirrors of Moscow*. Nova York: Thomas Seltzer, 1923.
- Eltzbacher, P. [1900]. *Anarchism*. London: Freedom, 1960.
- Fleming, M. *The Anarchist Way to Socialism: Elisée Reclus and Nineteenth-Century European Anarchism*. Lanham: Croom Helm/Rowman Littlefield, 1979.
- Graham, R. (org.). *Anarchism: A Documentary History of Libertarian Ideas, vol. 1: From Anarchy to Anarchism, 300 CE to 1939*. Montréal: Black Rose, 2005.
- Joll, J. *The Anarchists*. Londres: Methuen and Co, 1964.
- Kropotkin, P. *Kropotkin's Revolutionary Pamphlets*. Nova York: Dover, 1927.
- Mao Zedong. [1949]. "On the People's Democratic Dictatorship." In: *Selected Readings from the Works of Mao Tsetung*. Peking: Foreign Languages Press, 1971.
- Marshall, P. *Demanding the Impossible: A History of Anarchism*. Nova York: Harper Perennial, 1998.
- Rocker, R. [1938]. *Anarcho-syndicalism*. Londres: Pluto Press, 1989.
- Stirner, M. [1844]. *The Ego and His Own*. Nova York: B.R. Tucker, 1907.
- Thatcher, M. "Speech at Poznan Academy of Economics", 4 de julho de 1996. [<http://www.margaretthatcher.org/document/108362>]
- Van der Walt, L.; Hirsch, S. J. "Rethinking Anarchism and Syndicalism: The Colonial and Post-colonial Experience, 1870–1940." In: Van der Walt, Lucien; Hirsch, S. J. (orgs.) *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940*. Leiden: Brill, 2010.
- Van der Walt, L.; Schmidt, M. *Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism*, vol. 1 Counter-Power. Oakland: AK Press, 2009.
- Woodcock, G. *Anarchism*, Londres: Penguin, 1975.

* Tradução: Mariniel Galvão

* Revisão: Felipe Corrêa